

Resenha do livro de Ricardo Rodulfo

*TRABAJOS DE LA LECTURA, LECTURAS DE LA VIOLENCIA*

Marisa Cherubini, psicanalista/EBEP

11 de maio de 2010

O livro do psicanalista argentino Ricardo Rodulfo, *Trabajos de la lectura, lecturas de la violencia – lo creativo-lo destructivo en el pensamiento de Winnicott (2009)*, tem como objetivo elucidar o modo de pensar de Winnicott: como usava as palavras e através de quais deslocamentos. Analisa as problemáticas sem se confinar a escolas ou a disciplinas, mantendo fronteira intelectual aberta, própria de quem se encontra com um pensador. Assim o autor se utiliza da música ao trabalhar o vocabulário dos diversos escritos de Winnicott, e isso sem pretender estar entre os que dizem melhor ler um autor.

Conforme Rodulfo, Winnicott não pensa de maneira conceitual nem se apoia em delimitações e recortes “claros e distintos”. Assim, com relação à violência ou seus antecedentes (agressão, agressividade etc.), não os considera conceitos propriamente ditos. Na música, isso se denomina “motivo” (*motif*): uma configuração rítmica, reconhecível em sua plasticidade, uma sequência sonora capaz de dar lugar, em suas variações, a diversas melodias, sem excluir melodias de signos muito opostos entre si; mas que se demonstram sem maior dificuldade e em uma análise textual que pode ser perfeitamente formal como transformações desse *motif* que se desdobra em leque, num ir e vir.

Assim como Derrida se ocupou com a desconstrução do que determinado texto apresentava, no mesmo tom Winnicott agiu com relação à psicanálise de até então. Onde Derrida via o “suplementar”, Winnicott via os *motifs*. Apostando na violência da leitura, focalizando o sentido suplementar, Rodulfo se pergunta: *Como começou a psicanálise, pelo lado da sexualidade ou pela violência de sua repressão?* Acontece que o problema de Winnicott não é a agressão, mas a repressão da agressão. Rodulfo lembra que hoje o termo violência, no vocabulário conceitual, está dissociado do termo agressão. Reporta-se a Derrida no que diz respeito ao futuro da psicanálise – quando no ano 2000, nos Estados Gerais da Psicanálise, propôs um novo território de ação e investigação: o da problemática do domínio e da dominação, da crueldade, do poder e da abertura ao outro ou de sua destruição.

Nesse sentido, Derrida propunha repensar a psicanálise para que ela continuasse a viver. Já Rodulfo, após rigorosa observação do texto de Winnicott, encontra nele a reiterada manifestação de que pretendia explorar algo que a psicanálise, até aquele momento, ainda não tinha pensado. E indica também que Winnicott identifica uma série de motivos – o meio não

estimulador, a interferência, a intrusão, o fracasso ambiental, a geração de comportamentos reativos com a conseqüente destruição da experiência própria – todos eles compondo um motivo agregado para maior violência.

Em tal contexto, para ingressar no pensamento de Winnicott, é preciso levar em conta o termo *self*. Devido a sua extensão semântica, Rodolfo evita traduzi-lo. Ele diz que as traduções habituais, como “si-mesmo”, fazem perder diversos traços semânticos. O autor recorre ao poeta R. Ammons, que possui uma linguagem nada sistêmica e ajudará a fazer do *self* um vocábulo desvinculado, inclusive de sua tradução oficial. *Self* procura apanhar essa qualidade do subjetivamente vivo e daquilo que o defende, que o protege, que o envolve. Nesse sentido, está distanciado de denominações entificadas, tais como ser, identidade, eu, personalidade. Sendo assim, *self* se aproxima de uma consciência de si – que alguém seja uma subjetividade e não uma coisa. O termo *self* é mais ambíguo que o vocábulo *eu*. *Self* remete a uma qualidade viva que desborda o humano – próximo do corporal (não biológico), e o vocábulo *eu* deriva de uma abertura entre o corporal e o subjetivo.

No que se refere ao “verdadeiro *self*”, no singular, Rodolfo observa que é preciso ter cuidado. É mais prudente preservar a idéia de distintas emergências e direções que o termo requer. Assim, também é preciso evitar leituras ingênuas, ideológicas ou esquemáticas, o que oporia o falso ao verdadeiro *self* como o mau e o bom. Segundo Rodolfo, é indispensável não perder de vista esse preceito de tomar em consideração o que o texto faz e não só o que diz. Nesse sentido, é importante recordar o que Winnicott pensa – qualquer efeito de verdade só pode ter forma de paradoxo – *que o falso self enquanto existente é tão verdadeiro quanto o verdadeiro, e que o chamado verdadeiro é nada, em termos de uma substância maciça.*

O que está em questão é não se levar em conta que não se trata de *núcleo* e *casca*, mas que o verdadeiro *self* se dá juntamente com o falso, não podendo haver oposição rígida entre ambos, mas um ir e vir mais ou menos fluido. Somente nessas condições o falso *self* poderá ter funções facilitadoras. Assim como observa, no que se refere à problemática da integração, as relações falso e verdadeiro *self* não foram suficientemente pensadas. Ele observa também que Winnicott se ocupou pouco quanto a isso. Trata-se de uma relação complexa que só pode se dar nas situações em que há perspectivas de uma evolução psíquica saudável ao longo da vida.

Em seu livro, Rodolfo mostra que Winnicott – quando elabora a categoria do transicional como um termo novo, nem externo nem interno – não contesta o velho par opositivo, pouco útil para a psicanálise, quando na verdade o que acaba de introduzir faz aflorar essas noções, utilizando-as como se só houvesse agregado a noção do transicional.

Conforme o autor, Winnicott não viu a questão do dualismo porque, diante de um pensamento novo, as categorias prévias se mantêm e resistem no novo que se está pensando. Ele considera que é impossível evitar isso. E que os psicanalistas ficaram na questão dualista em vez de se ocuparem com o que diz respeito ao transicional, mas que não é no objeto transicional que está a questão principal, mas sim no uso. O transicional não é um objeto, é um tipo de uso peculiar que atravessa não só os objetos como também os fenômenos.

O autor considera que o motivo metafísico da perda ou da falta é secundário em Winnicott; por isso, seu objeto transicional não tem valor simbólico. O objeto transicional não substitui coisa faltante ou perdida, pouco importa o caráter empírico ou transcendental da falta. Ele é o primeiro objeto que vem reunir algo do puramente objeto com o que já é algo de alteridade. Este é um dos sentidos mais fortes do transicional.

Ele examina o texto de Winnicott escrito na década de 60 “Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos”. E lembra que a questão que Winnicott enfrentou é de como comunicar que não se quer comunicar. Observa também que se trata de uma questão atual, uma vez que todos os dispositivos contemporâneos, os midiáticos, em particular, e também todos os dispositivos ligados à psicanálise parecem estar governados por um imperativo ideal de comunicação.

Assim, espera-se que a colocação de um espaço silencioso ou de um inconsciente em branco no centro da subjetividade tenha uma série de efeitos intensos sobre as metas do trabalho clínico e, por conseguinte, sobre a maneira de pensar o trabalho do analista. Principalmente em relação à maneira clássica, em que o núcleo do inconsciente é concebido como um espaço carregado de significados reprimidos. No livro, o tema da não comunicação e do direito ao silêncio é examinado com muito cuidado. O mais importante em Winnicott é a não comunicação e tudo o que nela se caracteriza como um núcleo de silêncio, um núcleo em branco que resiste à comunicação em um sentido diferente do da resistência conforme Freud. O nada silencioso é uma pista que leva o nada no centro. O nada de Winnicott não é a falta em Lacan, não é uma carência de ser.

Da mesma forma, conforme Rodolfo, o tema integração em Winnicott, comparece, não em termos de síntese harmoniosa, senão nos de uma integração sempre conflitiva, ambígua, instável. O mesmo ocorre em relação à teoria: Rodolfo propõe para a psicanálise um campo psicanalítico polifônico, em que pensamentos díspares se integrassem, sem colocar-se de acordo, mas sem declarar-se guerra. Então, sim, seria possível identificar uma espécie de unidade paradoxalmente heterogênea e que por abreviatura chamamos de “a psicanálise”.

Nesse sentido, também a unidade em que Winnicott está pensando e na qual Freud começou a pensar não é a unidade do *um*, o qual pode voltar a dizer-se mais provocativamente como “os bebês não existem”. O *um* aqui referido não é o *um* tradicional. Rodolfo ressalta em seu livro o quanto os paradoxos criados por Winnicott denunciam a existência de um ente enquanto mônada, seja no que se refere ao eu da psicologia ou ao *self* traduzido enquanto indivíduo.

O livro de Ricardo Rodolfo é fruto de um árduo trabalho que trata de recuperar um pensador da existência que chegou muito fundo e que desborda o marco do especialista, como todo genuíno pensador.